

TEMPO. Muitos aproveitam para adiantar projetos e atualizar a leitura

# ESTUDANTES BUSCAM ALTERNATIVAS



Mesmo sem aulas, alunas continuam frequentando a biblioteca

Por causa da queda no movimento, alguns setores da universidade reduziram o horário de funcionamento

FÁTIMA ALMEIDA  
REPÓRTER

Enquanto a greve não termina, os estudantes se viram como podem. Bolsistas envolvidos em projetos de pesquisa e alunos de pós-graduação, como têm prazos a cumprir, continuam numa rotina de estudos e trabalho, a maioria frequentando a universidade quase que normalmente.

“Os bolsistas têm o pagamento atrelado a um trabalho que eles execu-

tam. Há contestações sobre esse modelo; na verdade, a bolsa deveria ser para estudo e não para trabalho. Mas é assim, e durante uma paralisação os bolsistas continuam trabalhando e são muito mais exigidos – por eles e pelos outros que estão em greve”, diz Mona Spinassé.

Na Biblioteca Central da Ufal, o movimento reduziu bastante, mas a frequência, ainda que baixa, é mantida pelos alunos que aproveitam a greve para adiantar projetos de pesquisa ou simplesmente para atualizar a leitura. “Temos recebido principalmente alunos em fase de TCC e dissertação, da Ufal e de outras universidades. Mas é muito diferente do período de aulas. Isto aqui estaria cheio nesse horário”, disse a auxiliar de Biblioteca, Acássia de Castilho, que nos recebeu na manhã da última quarta-feira.

Por causa da queda no movimento, o setor de periódicos e coleções específicas foi fechado temporariamente, em nome da economia de energia e da redução de pessoal, e só abre quando aparece algum interessado em consultar as coleções. O horário de funcionamento da biblioteca foi reduzido, passando a abrir das 7 às 17 horas. O normal, em períodos de aula, é até as 21h30. “Estamos garantindo o espaço para quem quer avançar em suas pesquisas”, diz Acássia.

É o que faz o aluno de Psicologia Ivo Florentino. Aos 23 anos e prestes a concluir o curso – terminaria no fim deste ano – ele não quer mais perder tempo. “Estou me dedicando ao estágio, que não foi interrompido, e venho pelo menos uma vez por semana à biblioteca, onde dedico 4 horas do meu dia para adiantar o projeto de pesquisa”, diz ele.

Florentino considera a greve justa, mas não quer nem saber de perder o semestre letivo. “Estou na expectativa de terminar no fim do ano. Se o semestre for perdido, o curso de 5 anos, que já é longo, vai para 6”, lamenta ele.

As amigas Pauline Albuquerque, Jéssica Medeiros, Lígia Vicente e Thainara Berto também mantêm na agenda o compromisso de pelo menos um encontro por semana na Biblioteca Central. Alunas do curso de Serviço Social, elas fazem estágio juntas, no Centro de Referência em Assistência Social (Cras) do Jacintinho, e dedicam esse encontro semanal para atualizar os prontuários, estudar e pesquisar situações relacionadas ao estágio, além de dar andamento aos trabalhos distribuídos pelos professores antes da greve.

Também procuram participar de cursos e seminários para somar na carga horária flexível do curso. A expectativa, segundo elas, é de que o período seja retomado de onde parou, sem perdas maiores para os estudantes, e embora considerem a greve justa, não gostariam de comprometer o ano letivo. ◻